



Programa de
Pós-graduação
em Educação (PPGE) | UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 19/09/2025

Aceito em: 05/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Infâncias negras: “enquanto um olho chora, o outro espia o tempo¹” - Roda de conversa com Conceição Evaristo

Black childhoods: “while one eye cries, the other watches the time” - Conversation circle with Conceição Evaristo

Infancia negra: “Mientras un ojo llora, el otro mira el tiempo” - Rueda de conversación con Conceição Evaristo

Conceição Evaristo²
Cecilia Maria Izidoro Pinto³
Fátima Lima⁴
Abraão de Oliveira Santos⁵
Jonê Carla Baião⁶
Luiza Oliveira⁷



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20400>

Resumo: Entre palavras e memórias partilhadas, Conceição Evaristo e o Coletivo Escrevivência, formado por pesquisadoras/es negras/os, dialogam sobre infâncias negras, escrevivência e ancestralidade. A partir da obra literária e das memórias da autora, emergem reflexões sobre dor, afeto, racismo e desigualdades que atravessam as infâncias negras. Ao mesmo tempo, evidenciam-se invenção, cuidado, oralidade e resistência como forças que afirmam dignidade, identidade e um futuro coletivo.

Palavras-chave: Infâncias negras. Escrevivência. Ancestralidade. Cuidado. Resistência.

¹ EVARISTO, Conceição. Ayoluwa, a alegria de nosso povo. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016a. p. 111-114.

² Universidade Federal Fluminense. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9653059262448203> Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2069-7138>. Contato: contatoconceicaoeveristo@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus Macaé. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6862054872351702> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2433-2811>. Contato: cecilia.izidoro@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1737594557449404> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9449-2514>. Contato: fatimalima4@gmail.com

⁵ Universidade Federal Fluminense. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2523009327795934> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7741-3020>. Contato: abraaos@id.uff.br

⁶ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Lattes <http://lattes.cnpq.br/1731117448608917>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2885-5628> Contato jonebaiao@gmail.com

⁷ Universidade Federal Fluminense. Lattes <http://lattes.cnpq.br/3295799847648304>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2264-1258>. Contato: luizaoliveira@id.uff.br



Abstract: Between words and shared memories, Conceição Evaristo and the Escrevivencia Collective, formed by Black researchers, discuss black childhoods, escrevivencia and ancestry. Through the author's literary work and memories, reflections emerge on the pain, affection, racism, and inequalities that permeate Black childhoods. At the same time, invention, care, orality, and resistance are highlighted as forces that affirm dignity, identity, and a collective future.

Keywords: Black childhoods. Escrevivencia. Ancestry. Care. Resistance.

Resumen: Entre palabras y recuerdos compartidos, Conceição Evaristo y el Colectivo “Escrevivência”, formado por investigadoras/es negras/os, dialogan sobre la infancia, la escritura y la ancestralidad de las comunidades negras. A través de la obra literaria y los recuerdos de la autora, surgen reflexiones sobre el dolor, el afecto, el racismo y las desigualdades que permean la infancia negra. Al mismo tiempo, se destacan la invención, el cuidado, la oralidad y la resistencia como fuerzas que afirman la dignidad, la identidad y un futuro colectivo.

Palabras clave: Infancia negra. Escrevivencia. Ancestralidad. Cuidado. Resistencia.

ANTESSALA

O Largo da Prainha, no Rio de Janeiro, pulsa vivo na Pequena África de Heitor dos Prazeres⁸. Território de chegadas e partidas, de encontros e resistências que atravessam um tempo que se recusa a envelhecer. A poucos passos dali a Casa Escrevivência⁹ se ergue como lugar de memória, criação e partilha, guardando e semeando histórias que nascem da vida negra e que por ela se fazem verbo em verso e prosa. Foi nesse cenário, carregado de um tempo que se dobra e espirala sobre si mesmo, que nos encontramos naquela tarde.

O calor aumentava nossa ansiedade pelo encontro. Cada passo que nos aproximava trazia o ar úmido subindo do chão de pedra, ainda molhado pela chuva de verão. E aquelas pedras, banhadas de memórias ancestrais e de marcas pisadas de um ontem que se faz também hoje, deixavam escorrer pequenas cataratas por seus contornos arredondados, a descer pelas ruas até se acumular nos degraus a nossos pés. Ali, reunidos, estávamos nós: Cecília Izidoro, enfermeira; Fátima Lima, antropóloga, ambas professoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Jonê Baião, linguista e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Luiza Oliveira, psicóloga e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), juntas e protegidas da chuva pela sacada do sobrado amarelo. À nossa frente, avistamos, descondo em passo calmo, protegida por um grande guarda-chuva colorido, nossa querida Conceição Evaristo, acompanhada de Abrahão Santos,

⁸ Pequena África é a denominação dada por Heitor dos Prazeres nas primeiras décadas do século XX a uma região do centro do Rio de Janeiro que se estendia da zona portuária até a Praça Onze, incluindo áreas como o Morro da Providência e o Campo de Santana. O nome buscava retratar e celebrar a forte presença negro-africana no território, marcada pelo contingente populacional e pela densidade de práticas culturais africanas e afro-brasileiras. É marcada pela forte presença africana desde o período da escravidão e constituiu-se como lar de escravizados e libertos, tornando-se um território de resistência social e cultural (Santos, 2022).

⁹ Casa Escrevivência é um projeto idealizado pela escritora Conceição Evaristo, um espaço cultural inaugurado em 2023, localizado no bairro da Saúde, na Pequena África, para abrigar seu acervo literário e artístico, funciona como biblioteca local de pesquisa sobre literatura negra.



psicólogo e professor da UFF. Ficamos em silêncio, não um silêncio vazio, mas de pura cumplicidade. Era um tempo suspenso, uma cena que queríamos guardar para sempre: a descida cadenciada de Conceição, o chapéu colorido abrigando-a sob o gesto atento de Abrahão, e a água ao redor, escorrendo entre as pedras como pequenas cachoeiras.

Ore Yèyé o! Eyeo Oxum¹⁰, mãe Oxum, nós somos seus filhos feitos de água e ouro.

O cheiro da chuva batia na pedra aquecida, o sol arriscava-se a brincar com suas gotas, e tudo ornava a presença luminosa de Conceição Evaristo. Permanecemos ali, admirando e aguardando o momento do nosso encontro, como crianças que se preparam para uma festa. O restante daquele dia foi feito de encontros, sorrisos, mais olhares cúmplices, promessas e projetos. Sentados à mesa de um bar, beliscávamos alguma coisa, bebericávamos outra, no compasso de uma conversa boa e esperançosa; nela, passado, presente e futuro se entrelaçam, nutrindo memórias e sonhos, um tempo espiralar, como nos lembra Leda Maria Martins (2021). Se a história não nos engana, aquele lugar era uma antiga casa zungu¹¹, onde os negros se reuniam para articular modos de sobreviver e resistir às agruras da escravidão.

Esse pensamento nos atravessou ao subir as estreitas escadas de madeira do bar, feliz por estarmos neste gesto coletivo. A escrevivência, percebemos, era o nosso zungu, alimentando nossa alma na promessa de continuidade, no gesto de resistência e na motivação do encontro que era ontem e agora, sentados à mesa com Conceição Evaristo. A escrevivência se apresentava ali como uma aposta: na vida, na memória e na potência coletiva de nossas histórias. Há que se guardar este tempo como água entre as pedras. Nós cinco: Luiza Oliveira, Jonê Baião, Cecília Izidoro, Fátima Lima e Abrahão Santos, ousamos nos reunir para uma partilha com Conceição Evaristo para pensar sobre as infâncias negras. Esse tempo da vida negra, muitas vezes atravessado por desigualdades e violências, mas que convoca a invenção, a memória e capacidades criativa. Essas infâncias saltam por entre as linhas de sua obra, vamos encontrando com ela nas páginas de *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2017e), nos contos de *Olhos d’água* (Evaristo, 2016e), nas tessituras de *Becos da memória* (Evaristo, 2017a). As nossas escrevivências infantis também. As com que nos deparamos em nosso trabalho, no cuidado, no ensino e na convivência que nos revelam mundos inteiros. Nascia ali o coletivo escrevivência!

¹⁰ “Ore yèyé o eyeo Oxum” é uma saudação à orixá iorubana Oxum, das águas doces, do amor, da beleza, da maternidade e da fertilidade. A saudação pode ser entendida como “Chamemos a benevolência da mãe”. Segundo o etnólogo Pierre Verger, é um pedido para que a orixá traga sua graça e bênçãos (Santos, 2012).

¹¹ O termo zungu refere-se a casas de quilombo, espaços de sociabilidade e resistência negra no Rio de Janeiro colonial, em especial na região portuária, espaços onde ocorriam encontros, batuques e comércio de alimentos preparados majoritariamente por mulheres africanas escravizadas ou libertas, guardando e transmitindo saberes e sabores afro-brasileiros (Ramos, 2022).



Passado um tempo de intensos trabalhos com Conceição Evaristo, a distância nos impedia de estarmos lado a lado, mas a tecnologia abriu espaço junto a ela. Encontramo-nos, então, numa sala virtual, movidos pelo desejo de aprender, de ouvir, de dialogar. Não foi apenas uma entrevista (conforme já suspeitávamos que não seria). Era uma *movida* de perguntas que brotavam cautelosas e bem cuidadas. Todas em estado bruto para serem lapidadas por Conceição Evaristo. Por onde atravessam, na obra, as infâncias negras? Que fios enredam, entre romances e contos, essas infâncias em suas escritas? As crianças, para você, Conceição, têm memória?

Era a escrevivência que sustentava e guiava esse momento. Nunca o conceito poderia estar mais coletivo. O medo da distância foi passando. De verdade, cá dentro, sabíamos que nossas perguntas carregavam junto nossas histórias de meninice preta. E ela, sábia e generosa, respondia segurando o rosto com as mãos, encarando a tela quase que vindo ao nosso encontro e nos parecia ao mesmo tempo, menina, mulher, professora, mãe e sempre guardiã das memórias de tantas vidas negras. Esse encontro–escrevivência nos revelou suas infinitas possibilidades de ser método, cuidado e experiência coletiva. Mostrou-nos que, mesmo através das telas, é possível semear vida, coragem e partilha de boas histórias. Como nos lembra Conceição Evaristo, a literatura pode ir além da ciência na tarefa de explicar e exemplificar a vida, e foi exatamente isso que experimentamos: a literatura se fazendo caminho de compreensão, de memória e de futuro das infâncias negras.

Esperamos que o leitor, a exemplo do que nos aconteceu, viva toda a emoção de dividir com essa *yalodê* (conforme caracterização de Jurema Werneck)¹² o sentimento que tivemos neste encontro-entrevista-escrevivente, algo que não escapa nunca mais de nossas memórias. Assim como as águas da chuva correndo ligeiras e sagazes pelas pedras da ladeira da Pequena África. Dessa maneira, a cena originária nos transformou em Ayoluwa e Fátima Lima, com precisão afrodiáspórica, sugeriu o título de nossa roda de conversa a partir da passagem “mas a Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia [...]” (Evaristo, 2016a, p. 114).

Erê Oni beijada!

¹² Segundo Jurema Werneck (2010), no início do século XX, na Bahia, o termo 'ialodê' foi usado como atributo de uma importante ialarixá, conhecida como Mãe Senhora. Hoje, o movimento de mulheres negras brasileiras o utiliza para nomear organizações e atributos de liderança e representação, evidenciando a capacidade de agenciamento das mulheres negras na disputa por participação política.



Coletivo Escrevivência: Conceição, pelo que conhecemos de suas obras e intervenções, talvez esta seja a primeira vez que você vai falar e publicar sobre as infâncias negras. Você se recorda de alguma coisa nesse sentido, de um artigo, de uma entrevista, enfim?

Conceição Evaristo: Realmente, nunca tive nenhuma conversa, nenhum estudo que pensasse a infância nos meus textos. Como são perguntas ou como são ponderações a partir dos personagens, então acho que eu corro o risco de ficar muito presa ao personagem, o que é bom para quem leu o texto, mas para quem não leu não é bom, porque eu posso estar falando ou tecendo considerações que as pessoas desconhecem, mas se a gente pensa que as personagens que aparecem no texto, são personagens representativas de crianças e notadamente de crianças pobres e negras, então, a infância, ela é sempre também conflituosa. Ela é sempre questionadora. Não é uma infância que está realizada. Eu acho que uma infância que está tão machucada, tão complicada, tão sem lugar como os próprios adultos não aparece como um elogio à infância.

Coletivo Escrevivência: Mesmo essa infância sendo conflituosa como a senhora coloca, é perceptível, ao longo de suas obras, a presença das crianças e das infâncias negras partindo de uma dimensão atemporal, espiralar e que transita entre as dores, a vigília como um ato de cuidado e uma certa esperança, se assim podemos dizer. Seja nos contos, nos romances e nas poesias. Em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017d) encontramos o belíssimo poema “Vozes-mulheres” que, entre outros tantos versos, diz: “Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância” (Evaristo, 2017f, p. 25). No poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, em meio aos olhos das fêmeas e das mulheres “A noite não adormece nos olhos das mulheres, vaginas abertas retêm e expulsam a vida donde Ainás, Nzingas, Ngambeles e outras meninas-luas afastam delas e de nós os nossos cálices de lágrimas” (Evaristo, 2017c, p. 26-27). Não fica de fora também o doloroso e belo poema “Estrelas desérticas”, quando nos diz:

E depois, quase felizes, os grandes cantam as suas vitórias: — enquanto dançam esses meninos, estrelas desérticas, enquanto dançam, seus pés pisoteiam a terra anil da alegria. E todos os cadáveres do passado e ainda os do presente entram em festa esquecidos. E do futuro deles, estrelas desérticas, cuidamos de nós: tragam mais bumbos, mais bumbos, mais tumbas... (Evaristo, 2017b, p. 54-55).

A partir desse movimento espiralar e plural, como você expressaria a presença das infâncias negras em suas reflexões e obras?

Conceição Evaristo: Eu acho que não há como pretender um texto literário a partir da realidade, a partir da condição de mulher negra, sem trazer essa infância. Toda a minha



experiência de vida é marcada até pelo fato de eu ter sido professora de primeira à quarta [série]. Toda a minha carreira profissional me colocou diante de crianças. A educação nos coloca diante das crianças. Quer dizer, a educação é um caminho para pensar a infância.

Coletivo escrevivência: Eu só ia acrescentar nessa questão ainda uma discussão de uma infância plural, de infâncias. Porque quando a gente pensa em Zaíta¹³ (Evaristo, 2016f) e quando a gente pensa em *Canção para ninar menino grande*, o menino Fio Jasmim (Evaristo, 2022)¹⁴. Quando a gente ouve Fio Jasmim falando da infância dele, é de uma maneira, Zaíta de outra e tantas outras que você vai trazendo. Então, acho que é interessante a gente não engessar essa infância numa única perspectiva. Ela está em diferentes espaços, diferentes construções do que seja a família, do que seja essa relação com a mãe e mesmo a presença ou não da paternidade. Então, eu acho importante destacar isso que a gente fala de infâncias e não de uma de infância.

Conceição Evaristo: Aham!

Coletivo Escrevivência: Se a gente pensar nas infâncias da maneira como elas geralmente são apresentadas. Eu sempre tomo a infância na tua obra com um sentido que está nas filosofias africanas, nos modos de vidas negros, que que vai — como é que eu posso dizer? — tecendo as nossas vidas, que é ancestralidade e tempo, não um tempo linear, sabe? Há uma forma de construção de vida que passa por essa costura das infâncias. Então, para nós, fez todo sentido quando você disse que não é uma construção de um sentido de infância na tua obra. Nós estamos todos, na academia, tomados por vários sentidos de infância que não alcançam as vidas negras. Para nós fez muito sentido. A psicologia é um dos lugares que vai arrumando vários conceitos para infância, não é?

Conceição Evaristo: Se a gente fosse escutar Maria Nova¹⁵ (Evaristo, 2017a), se fosse escutar Di lixão (Evaristo, 2016b)¹⁶, se a gente fosse escutar a menina de olhos d'água seriam crianças diferentes, bem diferentes. As experiências de vida delas seriam outras. Agora, o que marca? Ou se a gente fosse escutar Fio jasmim e as reminiscências que ele

¹³ Personagem do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” (Evaristo, 2016e).

¹⁴ Fio Jasmim, protagonista da novela *Canção para ninar menino grande*, é um assistente de maquinista casado com Pérola que vive em meio a viagens, e conquistas amorosas em cada cidade (Evaristo, 2022).

¹⁵ Maria Nova Maria Nova é personagem central de *Becos da memória* (EVARISTO, 2017). Menina negra, órfã de pai e criada pela mãe e pela comunidade, ela simboliza a infância marcada pela pobreza, pela violência e pelo racismo, mas também povoada pela imaginação e sensibilidade.

¹⁶ Personagem do conto homônimo, é um menino que vive em situação de rua, sem vínculos afetivos familiares (Evaristo, 2016e).



traz da infância, o que marca? Eu acho que tem uma marcação comum: são crianças negras e são crianças pobres que vêm também de uma de uma outra experiência, experimentam a educação de uma outra forma. Acho que são outros conceitos, outras práticas de educação.

Coletivo Escrevivência: Com certeza. Mais acima, Conceição, você nos disse que “não há como você pretender um texto literário a partir da realidade, a partir da condição de mulher negra, sem trazer essa infância”. Então gostaríamos de saber um pouco mais sobre a relação das infâncias negras com as mulheres negras, que são a espinha dorsal de sua obra, e a relação delas com a justiça racial e reprodutiva?

Conceição Evaristo: Eu acho que, no caso dessa experiência, também como mulher negra situada no espaço de pobreza, eu sou de uma geração em que as mulheres tinham muitos filhos. As mulheres negras, as mulheres pobres tinham muitos filhos. E o que eu acho que esses filhos representavam: eles vinham não somente da impossibilidade e do desconhecimento, por exemplo, de práticas de controle de natalidade. Não era só isso. Às vezes, no meu contato com a escola, lá no morro de São Carlos, principalmente onde eu trabalhei mais tempo, eu não sei se, naquele momento, o fato das mulheres terem tantos filhos, se não era também um mecanismo de resistência. É como... sem ter um discurso premeditado, mas eu não sei, por exemplo se, desde aquela época as mulheres já estavam perdendo seus filhos ou pra polícia, ou pra pobreza, ou pra guerra entre eles também. Então, será que não seria uma espécie, sei lá, de prevenção, de pensar que esses filhos ou que a comunidade teria de sobreviver de qualquer maneira? E ter filhos não poderia ser uma maneira de conservação? E aí eu diria até, numa linguagem bruta, de conservação da espécie. Não sei se vocês estão entendendo?

Coletivo Escrevivência: Conceição, estamos acompanhando o seu raciocínio e estamos muito de acordo com o que você diz, quando você faz essa conexão com a sobrevivência da comunidade, quando você faz essa conexão com uma espécie de “o que nos sobra, não é?” Num certo momento, o que nos sobra parece que é sobreviver. Então, no caso aí, você, trazendo as mulheres, também está trazendo um pouco disso, a resistência. O que nos sobra em certo momento é essa resistência quase física, quase biológica, não é? Isso aí é de uma potência muito impressionante, assim, muito dolorida.

Conceição Evaristo: E aí, nesse sentido, quando as mulheres brancas, ricas, mulheres de classe média constroem o discurso de “eu sou dona do corpo”, “a gravidez sou eu que que



decido”, eu sempre fico me perguntando se você pode pensar na criança independente da maternidade, até porque pensar na criança envolve pensar também em que condições essa criança, em que condições essa mulher que está parindo esses filhos ou em que condições esses filhos foram paridos. Em que condição essas crianças foram paridas? E aí, nesse discurso de controle da natalidade, que eu acho que é um pouco perigoso ou não faz sentido, talvez as mulheres negras e pobres, esse discurso de liberação do aborto, a partir de onde nasce esse discurso? Porque uma mulher da classe média, quando tem um discurso bastante veemente, mas coerente com a condição de vida dela, quando ela advoga ser dona do próprio corpo, quando divulga que a maternidade para ela é uma escolha, então, ter esse filho também é uma escolha. Eu fico pensando se as mulheres de classe populares, quando elas opinam ou quando querem fazer o aborto, se elas não estão pensando simplesmente numa dificuldade material, é mais um filho para eu criar, é mais uma boca para eu educar? Não sei se essas mulheres estão fazendo esse discurso de que esse corpo é meu! Eu que mando, eu que que decido se vou levar a maternidade até o fim, porque talvez para essas mulheres pobres não tenha escolha. Ou eu tomo um chá, ou eu enfilo qualquer coisa dentro de mim, ou eu faço esse aborto de qualquer maneira. Eu não sei se atrás disso tem o discurso de que esse corpo é meu, de que maternidade é uma escolha como o aborto é uma escolha. E aí se a gente pensa isso tudo, é um outro lugar também pra pensar a criança. Eu acho que é um outro lugar também para gente pensar como e em que condições também essa criança vai viver.

Coletivo Escrevivência: Nesse movimento, nos vêm em mente seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Evaristo, 2023), um livro singular e cortante. Nessa obra, deslizamos pelas histórias de treze mulheres. O que nos chama atenção nessa obra, é o papel que essas mulheres assumem como protagonistas de suas próprias dores e vidas e podem contar para narradora histórias violentas e dolorosas, a partir de um outro lugar. Mas, nos chama também atenção que *Insubmissas lágrimas de mulheres* foram e são “insubmissas lágrimas de crianças”, seja através das filhas e filhos das personagens, a exemplo da menina Seni em “Shirley Paixão”¹⁷, seja no encontro entre a protagonista criança e sua filha – a criança Isaltina Campo Belo e sua filha Valquíria¹⁸ —, seja na menina roubada, na

¹⁷ O conto “Shirley Paixão” narra a história da família de Shirley, mãe de cinco filhas, entre elas Seni, viviam aparentemente como uma família comum até o comportamento de Seni chamar atenção na escola. A narrativa revela o abuso de Seni pelo pai, mostrando o impacto da violência sofrida na vida da família e explicando o silêncio e a dor vivenciados pela menina.

¹⁸ O conto narra a trajetória de Isaltina, que desde a infância se percebe deslocada em sua família, enfrentando dificuldades para viver sua identidade de gênero. Ao longo da vida, trabalha como enfermeira e enfrenta abuso sexual que resulta em gravidez e assume a filha Valquíria com amor.



infância roubada de Maria Imaculada da Conceição¹⁹. Enfim, nos veio um pouco dessa sensação relendo *Insubmissas Lágrimas* e te perguntamos, Conceição: podemos pensar que *Insubmissas Lágrimas de mulheres* pode ser também insubmissas lágrimas de meninas e meninos negras e negros?

Conceição Evaristo: [...] O que eu diria é que aquilo que contamina ou a situação em que as mulheres negras, em que essas casas negras, essas famílias negras, a situação em que elas estão inseridas, as crianças não saem ilesas dessa situação. Eu acho que tem um ônus muito grande sobre elas. Se eu volto em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, é uma infância que a menina, de certa forma, está inocente diante do mundo. Tanto é que ela sai e é vítima de um de um tiroteio, sai para uma brincadeira e é vítima de um tiroteio. Quando você pensa em “Di lixão”, também é o menino que já está na rua. Está amargurado por uma situação de não condição de vida. E aí, se você volta para *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, essa menina que é raptada... Qual a consequência que essa pessoa vive? Não sei se vocês estão lembrados que ela não quer ter família, ela não quer ter filhos. Eu acho que todas essas crianças vivem uma situação adversa. Por isso que eu volto. São infâncias que se não consegue cantar uma ode, um elogio a essas infâncias. Eu acho que representam infâncias em que a perda da inocência diante do mundo se dá muito cedo. São infâncias que estão também vivendo numa linha tênue entre o poder ser, o poder crescer e ameaça de vida. Ou é pela pobreza ou pela impossibilidade dos pais assumirem, que é o caso Di Lixão, que tem até uma mágoa da mãe. Então, são infâncias vividas mesmo brincando. Se você vai para olhos d'água, tem uma infância, se percebe ali que tem meninas que são carregadas de afeto, mas são carregadas de pobreza. Quando a menina de “Olhos d'água” entende que a mãe dela, quando fazia aquelas brincadeiras todas, era para enganar a fome e a menina de 8 anos fala: “Eu era muito menina, mas eu entendia isso”. Então, mesmo quando tem uma situação de afeto, é uma infância que vive nessa linha de vulnerabilidade ou por A ou por B.

Coletivo Escrivivência: Então são insubmissas lágrimas das mulheres e das crianças também?

¹⁹ Maria do Rosário Imaculada dos Santos, ainda criança, foi sequestrada por um casal enquanto brincava com os irmãos em frente de casa. O irmão mais velho foi deixado no meio da estrada, mas ela foi levada embora e passou a viver com estranhos, longe da família. Cresceu em casas alheias, tratada apenas como “menina”.



Conceição Evaristo: Ah, sim, são! Elas são insubmissas porque, apesar de tudo, essas crianças sobrevivem. Apesar de tudo, essas crianças crescem. Apesar de tudo, elas desafiam tudo aquilo que impediriam elas de ser. E aí eu quero voltar a *Becos da memória* e a personagem Maria Nova. Ela, inclusive muito menina, descobre o que quer ser. Então, tem também essa infância que é também vivida no sonho, no desejo. Não sei se vocês estão lembrados que em *Becos da memória* tem um menino que é amigo de Maria Nova. ele não gosta da escola, ele sai da escola porque ela não tem nada para oferecer. E também Maria Nova só gosta da escola na hora da merenda.

Coletivo Escrevivência: Isso dá um outro debate, né? O que a escola faz com essas infâncias, como a escola acolhe essa infância tão carente de tudo?

Conceição Evaristo: Isso, isso, isso.

Coletivo Escrevivência: E outras tantas carências que a escola não dá conta, não é só da comida, é muito mais.

Conceição Evaristo: É porque, se é uma escola, é um sistema educacional que não reconhece a criança em sua dignidade, essa escola pode oferecer tudo, não é? E aí eu quero voltar lá em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, quando tem aquela menina, aquela personagem que mais tarde vai ser dançarina ou vai dançar balé, ela também não tem esse acolhimento na escola, de reconhecimento da própria aptidão para a dança E o Fio Jasmim tem uma admiração pelo pai. É uma infância também, uma infância, uma juventude em que ele é criado dentro de uma perspectiva machista em que acaba sendo muito mais contaminado pelo pai do que pela mãe. Eu acho que aí também tem essa [ideia de] como esse homem negro exerce a paternalidade.

Coletivo Escrevivência: Na ausência?

Conceição Evaristo: É interessante porque, às vezes, é a ausência dele, mas essa ausência marca. Mesmo esse pai longe... É uma coisa que eu observava nos anos que eu dava aula e isso me chamava muita atenção. Se você pega uma criança de 8, 9 anos, no morro de São Carlos²⁰, que era onde eu trabalhava na época, e pega uma criança de 8, 9

²⁰ O morro de São Carlos, considerado uma das favelas mais antigas do Rio de Janeiro, foi ocupado a partir do começo do século XX, após o loteamento das terras da antiga fazenda da família Santos Rodrigues, próximas ao mangue da atual Praça Onze. Originalmente chamado morro de Santos Rodrigues, em função

anos da zona sul, notadamente uma menina rica, uma criança rica, uma criança que não passa por dificuldade financeira nenhuma. Gente, até a expressão de rosto dessas crianças é diferente. Se vocês observarem bem os meninos da zona sul ou desses condomínios fechados — eu tô pensando agora no extremo —, eles têm um ar infantil que uma criança mais pobre não tem. Eu acho que talvez a criança pobre, eu acho que ela tem uma perda da inocência. E quando eu estou falando inocência, claro que eu não estou nada de sexo nem nada, não, entende? Mas eu acho que ela talvez tenha uma percepção. Não sei se estou exagerando.

Coletivo Escrevivência: de subsistência.

Conceição Evaristo: É talvez de subsistência, talvez do perigo. E não é o perigo da vida, não! É o perigo de não viver.

Coletivo Escrevivência: E essa dor atravessa a vida de mães, de avós. É uma dor histórica. Ela é histórica, ela também é da comunidade, do ambiente onde vive, isso vai só favorecendo. Então é uma lágrima também insubmissa dessas crianças. Então, ela vai se manifestar com silêncio, com corpo, com olhar. E que pena que o currículo se diz universal, e aí a gente pensa numa escola e num currículo da BNCC [Base Nacional Comum Curricular] ou que que vai trabalhar como se essa criança de 8 anos num segundo ou terceiro ano de escolaridade, tenha de olhar para a escrita, por exemplo, da mesma maneira, para a matemática da mesma maneira, não é?

Conceição Evaristo: É.

Coletivo Escrevivência: Por exemplo, não é um gesto simples de uma criança que chama a professora de tia. A criança que chama a professora de tia é uma criança negra e ela é cortada como um gesto inapropriado, como um gesto ilegal, como um gesto indecente. Não pode tolerar A escola não pode tolerar, não é? A professora é informada de que essa prática é abusiva. Essa é uma criança negra.

da capela localizada onde hoje se encontra a Capela de Santo Antônio de Pádua, passou a ser conhecido pelo nome da rua São Carlos, que corta a comunidade em sua extensão. No início do século XX, se tornou um cenário da boemia carioca, onde surgiu a primeira escola de samba da cidade – Deixa Falar –, criada por Ismael Silva (Morro [...], 2025).

Conceição Evaristo: Vanda Ferreira,²¹ há muito tempo, levantou uma questão que essa tia que chega às escolas não foi implementada pela classe média. A Vanda acredita que essa tia nasce nas comunidades, no hábito das crianças, dos mais jovens chamar os mais velhos de tia. E aí isso se espalha pela classe média, a ponto de quando a criança chega também numa escola, uma criança negra, e tem que se identificar com a professora e chamar a professora de tia, fica algo meio estranho. E essa professora também não se sente, como é que se fala? Não se sente à vontade. Então, talvez as práticas cotidianas das comunidades mais pobres ou das comunidades marcadas pelas culturas africanas, essas práticas cotidianas de tratamento acabam também se conflitando quando elas chegam à escola, entende? Eu me lembro uma vez, já não se trata de infância, eu estava em Minas Gerais, então, estudantes indígenas lá na UFMG [Universidade Federal de Minas Gerais], naquele momento, elas falavam o seguinte: "Tá tudo bem, a gente vem aqui para a universidade, vai aprender os saberes dos brancos, agora, até que ponto os nossos saberes também serão incorporados como currículo, até que ponto nossos saberes serão naturalizados como episteme dentro dos currículos acadêmicos? Então, Vanda levantava justamente isso. Essa tia pode ter chegado na escola a partir das práticas das comunidades marcadas pelas culturas afro-brasileiras chamarem os mais velhos de tia. Eu também concordo com isso.

Coletivo Escrevivência: Vemos dentro dos terreiros e das tradições africanas, da linguagem como um todo, do sentido da ancestralidade, de uma estrutura organizacional familiar hierárquica do mais velho, o sentido do mais velho como aquele que cuida. Então fica quase óbvio que a criança chame de tia. É um sentido intrínseco de uma das culturas, como Angola, não é? Enfim. Então, é claro que isso vai estar maciçamente na escola, porque as crianças foram ensinadas a isso, elemento que nós estamos discutindo da infância, das comunidades, do nosso direito à ancestralidade, eu acho que nos coloca nesse momento, inclusive nesse momento preciso, pontual, numa espécie de obrigação ou de condição de publicar isso, porque esse é um entrave dentro da escola, essa atitude da escola de apagamento, de sufocamento da infância. Eu acho que a gente precisa combater. Tem os combates dos currículos, etc e tal. vai ser interessante se a gente conseguir publicar isso, trazendo essa outra dinâmica a partir dessa palavra tia. Então, aqui se retém a ancestralidade, aqui se retém a potência da comunidade, não é?

²¹ Vanda Maria de Souza Ferreira é referência nos movimentos negros do Rio de Janeiro há mais de 50 anos, recebeu a Medalha Chiquinha Gonzaga da Câmara Municipal, por iniciativa da vereadora Thais Ferreira (PSOL). Militante desde os anos 1980, atuou junto a Brizola e Abdias do Nascimento, coordenou o Projeto Zumbi dos Palmares, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, trabalhou no sistema prisional e ocupou diversos cargos públicos.

Conceição Evaristo: É, é interessante.

Coletivo Escrevivência: Como o saber branco foi produzindo, a criança, a infância da casa e a infância da rua. Não, infância só tem o nome se for da casa; da rua, é o menor abandonado, é sempre esse que tá de fora... é sempre olhado por uma perspectiva social, econômica, não é?

Conceição Evaristo: O menor abandonado.

Coletivo Escrevivência: Esse debate amplia o campo de reflexão e nos questionamos como as infâncias negras atravessam a obra *Olhos d'água*. A presença constante da violência racial sobre os corpos e subjetividades de meninas e meninos negras/os tecem com fios dolorosos vários contos, inclusive a partir do próprio ventre, como em “Ana Davenga”²². É impossível não ser tomada pelas histórias da menina Zaíta e de Di lixão e não se atormentar com o menino Lumbiá “O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!” (Evaristo, 2016d, p. 86) Nem sempre “A gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2016c) favoreceu a vida. No entanto, no último conto de *Olhos d'água*, “Ayoluwa, a alegria do nosso povo” somos restituídos a um sentido de esperança e o conto acaba com a seguinte frase: “[...] enquanto um olho chora, o outro espia o tempo [...]” (Evaristo, 2016a, p. 114)²³. Conceição Evaristo, como a senhora vê a relação de uma necroinfância que atravessa a vida de algumas/uns personagens costurados pelos fios que parem novas vidas?

Conceição Evaristo: Quando se fala de uma necroinfância e que começa a partir do útero, eu acho que a gente pode voltar lá para a Natalina: quantos filhos Natalina teve? Não sei se você está lembrado desse conto que está em *Olhos d'água*, ela é barriga de aluguel, depois ela dá a criança para não sei quem, depois o único filho que Natalina assume justamente aquele filho que é vítima de um estupro. E também a gravidez de Ana Davenga, que ela não consegue levar adiante. Então a gente pensa que necroinfância vem também

²² Ana Davenga, personagem do conto homônimo de *Olhos d'água* (2016e), de Conceição Evaristo, é uma mulher negra, periférica, cuja identidade se funde à do companheiro envolvido no crime, de quem adota o nome. Grávida de Davenga, Ana tem sua vida atravessada pela brutalidade policial.

²³ O conto “A gente combinamos de não morrer” narra o cotidiano violento de uma favela, visto pelos olhos de Dorvi, sua esposa Bica e Dona Esterlinda, mãe de Bica. A narrativa alterna suas vozes para mostrar diferentes perspectivas sobre a vida de Dorvi, que tem um pacto de sobrevivência com amigos.



contra aquilo que eu estava falando antes: até que ponto uma mulher negra e pobre que decide ter um filho? Quais são os empecilhos? Não é o discurso de que esse corpo é meu, eu faço dele o que eu quiser. Provavelmente não é isso. Então, eu acho que vale pensar também quando se pensa em infância, você pensa também que em que condições materiais essa infância ou essa gravidez dessa mulher negra vai se realizar? E aí, quando a gente volta outra vez e fala da ancestralidade, está aí, é o país onde a educação só vai reconhecer as práticas advindas de uma sabedoria branca. A gente pode ir longe também quando Sueli Carneiro vai falar de epistemicídio²⁴. A gente pode pensar também como a criança negra é vítima, e é vista, qual o imaginário sobre essa criança negra? Está aí no final do conto, é vista como pivete. Então, uma criança negra tem uma dignidade tanto Cristo tanto quanto menino Jesus. É por isso que eu faço essas misturas, acho que isso dá para pensar qual é o olhar da sociedade brasileira para uma criança negra e para uma criança pobre. Como, com qual imaginário que se corre em relação ao menino negro? O menino negro é sempre um pivete? Ele é sempre um perigoso? Então, essa necropolítica se dá desde a impossibilidade de uma mulher negra escolher se ela quer ter um filho ou dez filhos, como se dá também no imaginário que é concebido para essas crianças. Será que amparar uma infância é possibilitar que esse menino aprenda a tocar tambor? Então, me traga mais bumbos, mais bumbos.

Coletivo Escrevivência: Incrível. Ao ler seus romances e livros de contos, como *Ponciá [Vicêncio]* e *Olhos d'água*, consideramos que você retrata, na relação entre mãe e filha, um certo tipo de intimidade existencial. Você revela uma mãe que vê a filha para além da dimensão psicológica e subjetiva. Isso é evidente quando Ponciá conta o que houve no milharal e a mãe manda cortar a plantação e então o segredo povoa a história escrevivente. Em *Olhos d'água*, você explicita o processo de cuidado, ensinamento e proximidade entre mãe e filha, afirmando a condição do existir intergeracional da mãe preta trabalhadora, por exemplo, na passagem onde a filha penteia a mãe. Nessas duas situações literárias, a infância aparece como agente do mundo, criadora, capaz de ativar segredos, mistérios e encantamentos constitutivos do mundo. Conceição, essa reflexão procede? Sua escrita veicula esse tipo de acontecimento? Eu gostaria que você falasse dessa infância que intervém, que agencia e é capaz de não apenas participar e ter consciência do seu entorno, dos valores em jogo, mas de criar sentido criar valores ao mundo.

²⁴ Conforme Sueli Carneiro (2023), epistemicídio é um processo de destruição dos saberes, culturas e rationalidades das populações negras, especialmente no contexto brasileiro.



Conceição Evaristo: Concordo. E também, partindo das culturas africanas, se diz que o velho é respeitado por ser a pessoa que traz a experiência e tem histórias e memórias para contar. É o contrário da morte do narrador, como está em Walter de Benjamin. Ao mesmo tempo que o velho é reverenciado, a criança também é. Porque eu diria que a criança potencializa a vida do velho e potencializa a vida da comunidade. Acredito que não só no sentido da criança ser o amanhã, mas no sentido de que a criança é o agora. A criança é o que, de certa forma, também propicia o sujeito e comunidade a agarrar-se à vida. Imagine uma comunidade, e isso está lá no último conto também de “Ayoluwa alegria do nosso povoado”²⁵, o não nascimento da criança, tudo pitimbava, né? Tudo pitimbava, tudo acabava. Inclusive as parteiras, aquelas que tinham o dom de trazer a criança ao mundo, elas ficaram sem função. Então, uma sociedade que não tem criança ou uma sociedade que não cuida da sua infância ou que cuida dessa infância de maneira errada ou incompleta, essa sociedade míngua. Esse minguar não é minguar que se dá só no futuro, não. Não é porque daqui a dez anos a gente não vai ter mais o mundo, é porque a gente não está tendo a vida agora. Então, é nesse sentido que Ayoluwa nasce para potencializar os de hoje, para potencializar o agora. E o conto termina assim: “[...] ela veio não como uma promessa de salvação, mas também não veio para morrer na cruz” (Evaristo, 2016a, p. 114). Aí eu estou, sem sombra de dúvida, dialogando com o cristianismo, no qual a salvação se dá pelo sofrimento. Não, a salvação não precisa se dar pelo sofrimento. Nesse diálogo fica instituído em *Olhos d'água*, no conto mesmo “Olhos d'água”, esse significado ou essa decifração do mundo que muitas vezes o adulto não faz e a criança é capaz de decifrar. Lá em *Ponciá Vicêncio*, quando ela vê aquela mulher grande, vazia, no meio do milharal, a mãe sabe o que a menina está vendo. E o que a mãe faz? Ela corta o milharal para que a menina não veja mais aquilo e não tope mais com esse mistério. E Ponciá lamenta que nunca mais viu a mulher, pois o milharal acabou. O mistério alimentava Ponciá e perturbava a mãe. Então, talvez as crianças tenham essa capacidade de se colocar no mundo e de nos ajudar a nos colocar no mundo.

Eu falo isso muito a partir da experiência que eu tenho com a Ainá. Ontem eu estava lendo uma coisa que achei interessante. Nesse momento eu estou falando de uma maternidade física, mesmo. Eu não sabia que a circulação do sangue pelo umbigo, entre a mãe e a criança na barriga da mãe, tanto da mãe marca a criança, como a criança marca a mãe. Depois que a criança é expelida, anos e anos depois, os vestígios do sangue da criança circulam ainda no sangue materno. Eu não sabia disso. Então, diante dessa possibilidade, a gente pode sair dessa maternidade física. É bom até que a gente saia dessa maternidade

²⁵ O conto, na verdade, chama-se “Aylowua, a alegria do nosso povo”.

física para poder pensar a criança, para poder pensar no jovem: ao mesmo tempo que uma sociedade marca o jovem, esse jovem também marca a sociedade. Marca tanto que a gente tem uma juventude que questiona o tempo todo essa sociedade. E ela questiona, muitas vezes, não é nem perguntando pela simples presença, quando a gente vê que não dá conta, quando o sistema educacional não dá conta. É um questionamento que a própria juventude e que as próprias crianças fazem a partir da condição do existir. Então, eu acho que a infância (e a juventude também) está sempre exigindo ao mesmo tempo que propõe uma necessidade de mudança. Acho que a juventude em si e a criança em si indicam que está aí arrumado, não está arrumado. A infância é como se fosse uma consciência.

Coletivo Escrevivência: Por falar em mãe, uma cena escrita por você, em que sua mãe, Dona Joana, em dias de chuva, desenhava o sol, nos diz como aprendemos com as/os mais velhas/os um gesto, que é atualizado cotidianamente pelas/os mais novas/os, como você nos diz ao contar a cena: “Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas” (Evaristo, 2020, p. 49). É muito comum pensarmos a ancestralidade como o encontro com os mais velhos, mas nessa memória do encontro da sua mãe com você e suas irmãs ainda meninas, há uma importância dos mais novos na mediação das experiências vividas. Wanderson Flor do Nascimento (2020) diz que a ancestralidade se assenta na velhice, mas acolhe e se hospeda na infância. Isso nos impacta muito não apenas nessa cena, mas em toda a sua obra — o sentido de infância que ela afirma —, pois a sociedade moderna inventou a criança como um ser a quem falta algo, um ser a quem falta vivência, experiência. Conceição Evaristo, na sua obra, as crianças são eivadas de memória?

Conceição Evaristo: Tem um poema, é pena que é de um homem. Não temos nada contra os homens, não. Mas, eu evito de pôr epígrafe de homens, procuro mais epígrafe de mulheres, mas tem um texto muito bonito de Edmilson de Almeida Pereira, que é um poeta mineiro. Ele vai dizer que as crianças criaram memória antes de criarem cabelo (Pereira, 2003)²⁶. Então, eu acho que é essa uma experiência muito específica. Eu tive uma experiência de muita conversa, de muito pensar com a minha mãe, com a minha tia e era quase com uma troca de experiência também. Eu também vivo muito isso com Ainá. Uma maneira de as crianças se postarem na vida sem serem passivas diante de nós. Eu acho que essa possibilidade de troca, não só de troca, mas de intervenção mesmo, eu acho que

²⁶ Curiangu: “Silêncio veio no / raio. / Os ossos voltados / para o mundo. / A família surgiu na / floresta rubra. / São pequenos de mãos / pequenas, adultos antes do tempo. / Os meninos criaram / memória / antes de criarem cabelos” (Pereira, 2003, p. 53).



ela nasce muito também do fato de as crianças das populações pobres, muito cedo, dentro de casa, assumirem papéis. Eu sempre vou voltar à minha infância, tá? E é assim também de certa forma que eu construo as personagens. Eu lembro que a minha irmã mais velha, Maria Inês, que cuidava de mim. Eu não sabia nem falar mãe, eu confundia minha irmã mais velha como minha mãe. Eu acho que é isso. E aí a gente cresce também cuidando, cuidando da casa, cuidando dos irmãos menores. Então, a criança não é um ser passivo. Quando ela não cuida da casa, ela tem obrigação de ir pra rua pedir esmola. Ela tem a obrigação de ir lá, de ir pra rua pegar alguma coisa, roubar. Ela tem a obrigação de sair para catar as coisas. E isso é “Lumbiá”, que saía vendendo doce, balas... O que ele queria vender era flores. É então essa participação ativa das crianças no seio familiar. E isso coloca a criança muito cedo como agente ativo, dentro de uma família, dentro de uma sociedade. Aí se a gente volta à educação, quantas crianças param de estudar porque mal terminam a quarta série e têm que trabalhar. Então não é só o mais velho, que é fonte de vida, que é fonte de ensinamento, o mais novo também. O mais novo também é um protagonista ativo e isso permite também que as experiências de vida dele sejam trocadas, acho que isso permite com que o mais velho também pare para escutar o mais novo. E, voltando outra vez à educação, de quantas crianças, a gente ouve essas histórias, são elas que vão ensinar os mais velhos a ler. Eu lembro que eu era mocinha, existia o Mabral²⁷. Eu falei tanto com a minha mãe e com o meu padrasto que ele entrou pro Mabral, mas não foi até o fim. Então o que é isso? Eu acho que é retirar a criança desse papel de passividade ou pensar também a ancestralidade como um caminho como um caminho duplo, não é? Sem dúvida, o velho oferece experiência, mas pode ser também uma troca. Se a gente pensar nessa criança também como alguém que é até responsável de cooperar materialmente dentro de casa, levando dinheirinho que não se sabe como [consegue], essa criança também ensina. A vida dessa criança também oferece reflexão, ela também traz reflexão para a comunidade, para o mais velho. Quantas vezes a gente vê isso: o mais novo exercendo uma influência sobre o mais velho, fazendo até o mais velho mudar o pensamento, não é? Agora, isso só é possível se pensar a ancestralidade como um tempo dinâmico. Não só aquilo que ficou para trás, aí a gente vai para a Leda Maria Martins (2021) justamente para pensar esse tempo espiral.

Coletivo Escrevivência: A senhora já afirmou que a palavra, antes de ser escrita, foi ouvida. Como a oralidade e o ouvir dos mais velhos moldaram sua maneira de escrever,

²⁷ Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mabral): programa do governo brasileiro do período do regime militar, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968. Durou até 1985.

especialmente quando trata de infâncias? Na sua obra, o cotidiano é atravessado por provérbios, rezas, ditos populares. Como esses elementos ajudam a construir uma infância negra marcada por uma tradição ancestral, mas também por reinvenções no presente?

Conceição Evaristo: Bom, eu não sei se isso hoje ainda acontece com as famílias negras. É muito do que aprendi, vou até dizer que aprendi na minha infância, na minha juventude, na minha família. Um pensamento com uma frase é um ditado. Isso me formou, essa maneira de estar no mundo com cuidado e procurando ser respeitosa com aquilo que me cerca e crendo que é possível se locomover no meio de todas as dificuldades. Isso tudo veio de casa, de uma maneira assim muito natural, numa fala natural. Você contava um fato, a minha mãe, às vezes sem comentar o fato, ela a resposta e é um ditado. Então, o que eu quero dizer? Essa educação é experimentada ao sabor da vida, ao sabor dos acontecimentos. É uma educação, pelo menos para mim, muito mais formadora. Muito mais formadora do que a educação escolar.

Na escola, sem sombra de dúvidas, a escola tem a leitura, e tudo isso ela me colocou, não consertando o que eu recebi em casa, o que eu recebi da prática das relações com os mais velhos, da relação com a minha mãe, com as minhas tias, que me deram um cuidado para estar na escola e para estar em determinados lugares e saber o que seria útil, o que me pertencia ou não, o que é.... Então, primeiramente foi essa educação, esse contato com os mais velhos, essa troca com os mais velhos, que me preparou para o mundo, muito mais do que ter ido para a escola, muito mais do que tudo que eu aprendi fora de casa. Eu acho que o que eu aprendi em casa, o que eu aprendi com os mais velhos, com essa troca, ela me foi benéfica no sentido de me colocar também crítica, uma crítica em relação a outros espaços que eu frequentei. O primeiro espaço que uma criança frequenta normalmente é a escola, porque dificilmente essa criança vai para um clube, dificilmente ela vai para um teatro, dificilmente ela sai, inclusive da ambição do local físico de onde ela é, onde ela mora. Eu me lembro que quando eu trabalhava no Morro de São Carlos, olha, o Morro de São Carlos é ali. Muitas crianças nunca tinham descido até o metrô. Eu acho que hoje pode ter mudado, mas tem muitas crianças, por exemplo, que moram em Nova Iguaçu, que nunca vieram ao centro da cidade, ou que talvez morem até ali mesmo em Ramos e que nunca vieram para o centro. Então a escola acaba sendo o primeiro espaço que essa criança frequenta para além da sua ambição familiar. E é essa ambição familiar que vai preparar essa criança contra os impactos que os outros ambientes podem oferecer. Então, reafirmo que é uma experiência familiar, uma experiência comunitária, experiência coletivizada da favela. Eu não estou dizendo que a gente não brigava, não é isso que eu estou dizendo. Por exemplo, a gente, lá na favela, na hora de pegar água, tinha uma



senhora que morava muito perto da torneira. Ela pegava e punha uma poção de lata. Carolina [Maria de Jesus] viveu essa experiência também. Foi uma função da lata, e na fila, na frente de todo mundo. Foram os comentários em casa que me propiciaram a entender que não era justo. Essa mulher precisava tanto de água como qualquer uma de nós, mas ela era abusada, entende? Ela era egoísta. Então, é uma forma. Foram essas experiências, primeiro na família, com os mais velhos, que me prepararam e me jogaram no mundo.

Coletivo Escrevivência: Às vezes a gente se pega, muitas vezes, repetindo, não é? Vem no automático essa repetição. É uma marca da oralidade que está na memória, que está no repetir, que está no fazer cotidiano. Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura. Porque você não vê isso na sua obra, não é em escola, não é um conhecimento escolarizado. É de uma tradição, de uma oralização, de uma oralidade que entra na alma, como dizia o poeta, não é? Na sua obra, Conceição, como é que você vê essa coisa do provérbio, da tradição, esse atravessamento mesmo de uma oralidade?

Conceição Evaristo: Na verdade, há um projeto estético. Eu não faço isso de modo inocente. Tem um projeto estético aí que eu quero levar, que é a oralidade para a literatura, para o meu texto. Eu quero que seja essa a marca estética no meu texto.

Coletivo Escrevivência: Mas tem um outro lado dessa questão que eu tenho aqui, que é o hip-hop, a profusão, a rapidez. Não é só o que eles fazem, o arranjo desses versos, mas também memorizem quantidade. Isso é um contraste de hoje. A juventude, na pele negra, sempre vai buscar uma forma de ser distinta, ela consegue. E não é só porque ela usa, sabe? Se você pegar alguns raps.

Conceição Evaristo: É, eu concordo. Eu acho que é nesses lugares onde há uma prática, a prática oral, onde esses ditados são retomados de uma outra forma, mas esses ainda são os nichos onde tudo sobrevive, não é?

Coletivo Escrevivência: Perfeito, Conceição. Que roda de conversa instigante. Caminhando para finalizar, vamos ampliar o debate trazendo uma questão que perpassa o campo do cuidado em saúde, o campo de educação em saúde e um processo de medicalização da infância que a escola tem enfrentado. No conto “Lia Gabriel” (Evaristo, 2023),²⁸ percebemos a intensidade da dor e da solidão quando ela diz: “Tenho vivido muito

²⁸ O conto “Lia Gabriel, fala sobre uma mulher negra enfrentando violência doméstica e outras formas de Debates em Educação | Vol. 17 | Nº. 39 | Ano 2025 | Maceió | p.1-24 | Doi: 10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20400

sozinha [...]" (Evaristo, 2023, p. 95) e reflete sobre o impacto devastador do diagnóstico de seu filho, a "[...]" ameaça que pairava não só sobre Máximo, mas sobre todos nós [...]" (Evaristo, 2023, p. 96). Vemos o corpo que sangra, que protege, que ensina, que conserta, que trabalha e acolhe. Um corpo marcado pela dor, mas também pela potência de sustentar o que a ciência rejeita. É o cuidado que nasce no limite, entre o trauma e o afeto e que não pode ser possível descrever nas fichas clínicas nem nas prescrições formais. Então, é urgente pensar na saúde, sobretudo a saúde mental, ainda se opera um cuidado dentro de uma lógica cartesiana, branca e higienista, que não reconhece o racismo como agente de adoecimento. Essa medicina que não escuta, não enxerga, que divide e que rotula pessoas, corpos e subjetividades. Mas penso que há um lugar de fissura possível: a enfermagem. Profissão majoritariamente composta por mulheres negras, a enfermagem carrega uma longa tradição de cuidado ancestral, relacional e coletivo. Mas somente se sair das margens para o centro do cuidado. É pensando em nós, mulheres negras da enfermagem, e na ideia de que há entre nós corpo, condição e experiência a nos coletivizar com mulheres como Lia Gabriel, que proponho as perguntas a seguir, Conceição Evaristo, pois como você ensina que “escrever o vivido é também um ato de cura e de denúncia”. Conceição, no conto Lia Gabriel (Evaristo, 2023), a infância negra aparece marcada pela dor, pela memória de violência, pelo silêncio que sangra no abandono. Como a senhora pensa o cuidado em saúde quando se trata de corpos de crianças negras, muitas vezes vistos como ameaça antes mesmo de serem escutados? Como a senhora vê a possibilidade de uma prática de cuidado que acolha a narrativa, a memória, o corpo e a escuta como elementos terapêuticos?

Conceição Evaristo: Certo, Lia Gabriel é aquele conto em que a mulher apanha diante do filho, não é? Só fazendo um parênteses, esse conto é baseado numa realidade, situação vivida com uma amiga minha lá de Belo Horizonte. Hoje ela, já senhora, ainda vive com Alzheimer, então essas memórias todas, penso que nem tenha condição de ler esse conto, se pudesse ler ela iria se reconhecer. Mas voltando à pergunta, nos últimos tempos também a gente tem ouvido falar muito de uma medicina humanizada, que considera o sujeito em sua totalidade. Em se tratando das populações negras, a gente sabe muito bem quando se chega num consultório, quando se leva uma criança e como é a recepção que se tem e a maneira como ela é feita nos hospitais. Tive algumas experiências com a Ainá, é muito mais fácil acessar a enfermeira ou a auxiliar de enfermagem do que acessar o médico. Quando ele chega à consulta, pronto, acaba. É a equipe que cuida diretamente da criança, que cria

opressão, além de mostrar sua luta pelo tratamento justo do filho diagnosticado com esquizofrenia.

uma cumplicidade e quem está ali e orienta outros caminhos, deixando transparecer o que não é preciso ser feito e o que é mais importante, e até a displicência do médico. Então, eu acho que a enfermeira cuida, e fica sempre naquela situação em que, por um lado, ela tem que valorizar ou fazer o paciente acreditar naquilo que o médico diz, mas, por outro lado, ela também quer criar uma *cumplicidade* com o paciente. Eu acho que esse lugar intermediário, que é exercido pelo pessoal da área da saúde, é fundamental quando se pensa numa medicina humanizada, talvez a medicina humanizada já esteja sendo exercida ali. Então, quem talvez tenha que apresentar a possibilidade de uma medicina humanizada como aquela que tem o contato direto com o paciente. Aí eu acho que quanto mais pessoas ou quanto mais profissionais da saúde tiverem consciência da questão do racismo, consciência de como o racismo adoece... Talvez o primeiro lugar de investimento seja justamente com os profissionais intermediários — substituiria pelo nível médio, né? — Porque, não sei... o médico, não estou dizendo que o médico não seja necessário, mas eu acho que a formação médica, nesse sentido de uma medicina humanizada, vai sempre ficar mais teórica. E a formação de quem cuida, realmente... é interessante quando se coloca, porque as mulheres negras já têm essa experiência.

Tem um texto de um francês (agora eu esqueci o nome dele...). Ele diz justamente isso, que as mulheres negras ou as mulheres de classe populares aprenderam a cuidar do corpo do outro, estão sempre cuidando do corpo do outro, na cozinha fazendo a comida, lavando uma roupa, ou no cuidado no hospital. Por isso, eu acho que é uma categoria profissional que já tem essa experiência de cuidar do corpo do outro. E se elas têm essa experiência de cuidar do corpo do outro e ainda têm a possibilidade de se aprofundar nas questões que marcam a sociedade brasileira, eu acho que o trabalho pode ser muito até mais gratificante. Penso que elas podem também perceber que o corpo doente não é somente aquele corpo que está no hospital. O corpo doente é a sociedade brasileira, é o médico que está ali, é o diretor, são as outras pessoas que estão ali sem a mínima competência.

AO SAIR, DEIXE A PORTA ABERTA...

Não se encerra uma conversa com Conceição Evaristo. Ela nos segue encaminhando suas palavras como um rio que transborda, flui, refresca e nos traz a sensação que não cabe apenas em palavras. Conceição, ao falar das infâncias negras, nos levou para um lugar de nossas próprias infâncias. Cada pergunta trouxe de volta a memória, a ancestralidade manifesta na relação mãe e filha em seus contos. Na fala adocicada, atenta, amarelo-ouro. Crianças e as marcas que o racismo imprime cedo demais nos seus corpos se manifestaram em forma de histórias, novas rotas e possibilidades de se viver no



mundo. Contar histórias é sua arte, a literatura da vida negra e nelas estão incluídas suas infâncias.

Percebemos que pensar as infâncias negras não é apenas olhar para um passado marcado por dor e exclusão, mas sobretudo reconhecer nelas uma força de invenção, de beleza e de futuro. Foi nesse momento que entendemos que estávamos vivendo a escrevivência não apenas como conceito ou linha de pensamento, mas como experiência coletiva: no diálogo, no aprendizado, no reconhecimento de nossas histórias atravessadas pela dela [de Conceição Evaristo].

Como Oxum, senhora das águas doces e da maternidade, Conceição nos oferece cuidado, acolhimento e beleza. Sua palavra é espelho d’água e flui e nos coloca a mirar nossas histórias. Ela nos ensina que amar é também um gesto de resistência. Oxum se manifesta em sua fala suave, firme, generosa e nos lembra que o amor é também um modo de existir, de proteger, de insistir na vida.

E, nesta mesa posta por ela com fartura e cuidado, apostamos na possibilidade de narrar para existir, escrever para não esquecer, contar para que nossas crianças possam se ver e se orgulhar. Assim, guardamos este encontro como quem guarda água entre as pedras — livres, pois sabemos que cada palavra partilhada ali continua a correr dentro de nós, alimentando novas perguntas, novos gestos e novas possibilidades de existir no mundo.

Conceição Evaristo: Tudo sobrevive! “Enquanto um olho chora, o outro espia”.

Obrigada, Conceição Evaristo!

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

EVARISTO, Conceição. Ayoluwa, a alegria de nosso povo. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016a. p. 111-114.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.).

Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54. Disponível em: <https://www.itausocial.com.br>.



org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.

EVARISTO, Conceição. Di lixão. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016b. p. 77-80.

EVARISTO, Conceição. Estrelas desérticas. *In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017b. p. 54-55.

EVARISTO, Conceição. Lia Gabriel. *In: EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres*. 6. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 95-103.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016c. p. 99-109.

EVARISTO, Conceição. Lumbiá. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016d. p. 81-86.

EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. *In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017c. p. 26-27.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016e.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017d.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017e.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. *In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017f. p. 24-25.

EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016f. p. 71-76.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORRO de São Carlos. *In: DICIONÁRIO de Favelas* Marielle Franco. Rio de Janeiro: Wikifavelas, 2025. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Morro_de_S%C3%A3o_Carlos. Acesso em: 26 ago. 2025.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. Disponível em: <https://filoeduc.org/nefiedicoes/colecoes.php?>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Casa da palavra**: obra poética 3. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

RAMOS, Karina Helena. A rainha transatlântica: os saberes e os sabores da mandioca de Angola para o Brasil. *In: SANTOS, Renato Emerson dos; BARROS, Teresa Guilhon; REIS, Desirree; ARAÚJO, Luis (org.). Territórios negros*: patrimônio e educação na Pequena África. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 51-63. Disponível em: https://territoriosnegros.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/05/Digital_Territorios-Negros-Patrimonio-e-Educacao-na-Pequena-Africa.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.



SANTOS, Edsoleda. **Oxum**. Salvador: Solisluna, 2012.

SANTOS, Renato Emerson dos. Pequena África: um território negro na área central do Rio de Janeiro. *In*: SANTOS, Renato Emerson dos; BARROS, Teresa Guilhon; REIS, Desirree; ARAÚJO, Luis (org.). **Territórios negros**: patrimônio e educação na Pequena África. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 214-229. Disponível em: https://territoriosnegros.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/05/Digital_Territorios-Negros-Patrimonio-e-Educacao-na-Pequena-Africa.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe!: movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 8-17, mar./jun. 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303/281>. Acesso em: 26 ago. 2025.

